

A Educação é vista como um problema?

A estatística é uma ciência que se dedica à coleta, análise, interpretação e apresentação de dados numéricos, que fornecem conclusões sobre eventos passados, podem estimar ou prever fenômenos futuros e podem ser aplicados em quase todos os campos do conhecimento.¹ Curiosamente, a etimologia da palavra estatística remete à palavra alemã *Statistik*, designando a análise de dados sobre o Estado.

Em Ciências da Saúde temos a epidemiologia, que trabalha informações colhidas sobre doenças e oferece ao Estado um panorama de como está a saúde da população, para que sejam tomadas decisões para prevenção, tratamento e, idealmente, até para direcionamento de pesquisas. Quando o método é bem escolhido, os resultados permitem uma melhor compreensão das situações analisadas, por isso pode ser uma ferramenta importantíssima no processo de tomada de decisão.

Em analogia, no âmbito da educação, dados estatísticos podem ser colhidos e analisados para que o Estado (por meio dos seus estadistas) tenha informações suficientes e confiáveis para conseguir enxergar os problemas e, a partir daí, decidir o que fazer.

Recentemente, no primeiro editorial de 2018² comentamos o resultados desastrosos mostrados pelo Programa de Avaliação Nacional de Alfabetização, evidenciando a

incapacidade de mais da metade das crianças recém-alfabetizadas de ler, escrever e contar adequadamente, sem incluir neste cálculo os que abandonam a escola. Um parâmetro de comparação com os outros países é o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que avaliou a qualidade educacional de 70 países e que, após avaliar 23.141 alunos brasileiros de todas as unidades da Federação, colocou o Brasil em 59º lugar em leitura, 63º em ciências e 65º em matemática³.

Com estas informações, não parece ser necessária especialização em educação para concluir que a situação educacional do Brasil é catastrófica e que, se quisermos sair da lanterna, é imperiosa mudança urgente, começando pela base. A carência da compreensão de português e matemática elementares sepultam o futuro do cidadão ainda quando criança e peneiram, quase de maneira Darwiniana, os que alcançarão relevância na fase adulta dos que tentarão sobreviver. Muito destes precisarão das “muletas” fornecidas pelo Estado que, paradoxalmente, gastará muito mais tentando compensar a falta de compaixão que expressou com a criança ainda no colo da mãe (a começar com saneamento básico, por exemplo) do que gastaria com a formação básica do indivíduo, e estamos bem abaixo do mínimo.

Porém, é preciso ser especialista para elaborar uma boa estratégia de solução para: (1) identificar os problemas; (2) separá-los por ordem de prioridade; (3) estabelecer OBJETIVOS; (4) traçar um plano para alcançar estes objetivos; (5)

executar o plano; (6) avaliar os resultados para, finalmente; (7) reiniciar o processo.

Há disponibilidade de muitos dados para identificação dos problemas e, pelo menos aparentemente, há consenso da situação ruim da educação no país. Observamos que é inegável a interferência política na priorização dos problemas, embora cada vertente ideológica diga que suas ações são baseadas em critérios técnicos. Se por um lado é levantada a importância de “questões de gênero” e de outro “ensino religioso”, o FOCO deve ser mantido NOS RESULTADOS e, para isso é importante estabelecer um consenso sobre o que é prioridade e o que é complementar.

Estabelecer objetivos passa pela elaboração de um Projeto Político Pedagógico (PPP), orientado a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O PPP deverá servir como diretriz para qualquer ação educacional na escola. Estes objetivos dão foco no que é importante para o plano de ação e evita improvisos e custos desnecessários.

A BNCC detalha os objetivos de aprendizagem para a educação infantil (de 0 a 5 anos) e ensino fundamental (1º. ao 9º. ano) e em 2019, sua terceira versão inclui 10 competências que os alunos deverão dominar ao longo de toda a educação básica, a saber: (1) autonomia e responsabilidade para tomar decisões comprometidas com o bem-estar comum; (2) argumentação com base em fatos concretos, em nome da defesa do ser

humano e do meio ambiente; (3) compreensão da realidade por meio dos conhecimentos historicamente construídos; (4) compreensão e uso crítico das tecnologias digitais; (5) autoestima e cuidados com a saúde; (6) desenvolvimento do senso estético por meio da arte e da cultura; (7) compreensão de capacidades relacionadas ao mercado de trabalho; (8) empatia, diálogo e convivência com pessoas dos mais diferentes grupos sociais; (9) curiosidade para buscar soluções por conta própria; (10) uso das linguagens (verbal, científica, tecnológica ou digital) para se expressar e trocar informações⁴.

Não parece simples nem fácil, por isso ajuda é bem-vinda de todos os lados. Dos professores, da família, das escolas e do Estado, alinhados com os mesmos objetivos.

Adriano Dobranszki

Editor-chefe (adriano.dobranszki@faciplac.edu.br)

Bibliografia

1. ESTATÍSTICA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019 [acesso em 2019 JUN 17];[aproximadamente 5 p.]. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Estat%C3%ADstica&oldid=55401792>>.
2. Dobranszki A. Editorial. R Odontol Planal Cent. 2018 Jan-Jun;(8)1:1-2.
3. Pinto DO. Ranking da educação mundial: entenda os dados do Brail In: BLOG LYCEUM, 2019 [acesso em 2019 JUN 17];[aproximadamente 7 p.]. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/>.
4. AIX Sistemas. Conheça as mudanças na educação infantil para 2019. In: Gestão Escolar, 2019 Fev [acesso em 2019 JUN 17];[aproximadamente 5 p.]. Disponível em: <https://educacaoinfantil.aix.com.br/mudancas-na-educacao-infantil-para-2019/>.